

# A ARTE CHINESA antes da guerra

Ao estudar-se a história das artes plásticas na China impressiona sobretudo o seu estatismo, resultado dum fidelidade constante aos motivos estéticos primitivos.

As características essenciais desta arte, até à invasão nipónica, mantem-se sensivelmente as mesmas durante a evolução dum povo com alguns milénios de existência.

A razão de tão singular imutabilidade encontra-se no correspondente fixismo emotivo da alma chinesa cujo respeito pela tradição lhe imprimiu tendências que directamente se transmitiram à sua actividade estética.

Tal preocupação fazia com que o presente não tivesse para eles mais valor do que o de um simples intermediário entre o passado e o futuro.

Esta anulação do indivíduo e da importância da própria vida conferia à arte chinesa características que lhe são exclusivas. Em primeiro lugar a ausência do antropomorfismo habitual nas outras artes, e

depois a preferência pelos motivos religiosos são as principais, e traduzem a inexistência dos problemas que mais vulgarmente fazem vibrar a sensibilidade artística.

Por isso a mais alta expressão das artes plásticas chinesas encontra-se na paisagem e nos trabalhos em bronze.

Estas são quasi sempre de carácter religioso, e observa-se nelas uma propositada evasão do real para assumirem o aspecto de materialização das forças da natureza. O aspecto hierático que tinham ao principio vai-se desvanecendo pouco a pouco e sofrendo as várias influências das religiões que se incrustaram sobre o culto primitivo.

Quanto ao pintor, procura quasi exclusivamente na paisagem a expressão da sua emotividade, não se limitando por isso à reprodução foto-

gráfica da natureza, mas bem ao contrário, traduzindo através dela a sua sensibilidade. Isto a despeito do não emprego da perspectiva, de modo que a sobreposição de planos é dada por um delicado emprego de tons.

Como nos bronzes e as restantes artes a pintura reflete também as influências religiosas. Aduladora dos deuses, povoada de génios, duendes e de toda a fantasmagoria taoista, com o budismo é em troca, grave, contemplativa e dotada de elevada grandeza espiritual reflexo dum attitude interior plena de seriedade e elevação moral.

A estatuária obedecia ainda aos mesmos preconceitos a que a subordinação religiosa submeteu as artes. E' também na reprodução da natureza, nomeadamente na modelação de

animais que ela se apresenta superior.

Sob o ponto de vista formal um elemento comum liga todas estas artes. A perfeição técnica, filha da proverbial paciência chinesa emprestou-lhe um grande poder sugestivo sem contudo a fazer cair no preciosismo.

Nas suas linhas gerais eram estas as principais qualidades da arte chinesa. Evidentemente que não tivemos a pretensão de ter resumido em poucas linhas a evolução das artes plásticas dum povo com alguns milhares de anos de vida.

Em todo o caso parece termos mostrado parte do espirito que imprimiu à arte chinesa uma feição especial.

Agora, um sópro renovador animou o corpo da velha China que há tanto tempo insiste em olhar para o passado.

A intolerância para com as sugestões estrangeiras vai-se lentamente dissipando em todos os campos...

F. SEABRA

(Continuação da página anterior)

tória da China está cheia de mitos, de lendas, de cantos populares.

Os animais fabulosos, o unicórnio, o fenix e o dragão, eram símbolos do sage eleito (scheng). Todas as vezes que aparecia um sage, estes animais deviam também aparecer. O sage não era um sábio, mas um rei, um príncipe, um homem de acção histórica. A única excepção é representada por K'ung-tzé que era simultaneamente um sábio e um sage. Mas justamente porque ele era um sage dá-se-lhe o nome de «rei puro». O unicórnio e o fenix simbolizavam mais particularmente a virtude. Tendo os soberanos das épocas posteriores faltado muitas vezes à virtude foi o dragão que se tornou seu símbolo. A partir de K'ung-tzé o unicórnio e o fenix desaparecem da cena. O dragão é o símbolo da mutação do que é vivo e se move.

A maior parte dos deuses adorados pelo povo chinês são personagens históricos que desempenharam no passado um papel activo. Na China, o emprego da pedra na escultura e na arquitectura está pouco desenvolvido, e não se encontram lá estátuas nem monumentos destinados a perpetuar a memória de personagens históricos. São os mitos, os contos e as lendas que desempenham este papel, mas encontrar-se-ão difficilmente neste Pantéon popular reis e imperadores. As canções populares e os provérbios constituem na história chinesa a expressão da vontade popular com um carácter verdadeiramente profético. Nestes pro-

vérbios e canções, o povo dava livre expansão ao seu humor criticando o governo, fazendo conhecer aos imperadores o seu descontentamento. Quando as obras históricas designaram a estas canções populares o lugar que lhes competia e no povo cada um se pôs a adorar os seus próprios deuses, produziu-se uma separação entre a história, por um lado, e os mitos, as fábulas e as lendas, por outro. Mais tarde, os políticos manhosos serviram-se de pretensos mitos e lendas com fins demagógicos. Um dos últimos destes demagogos que soube utilizar desta maneira o ascendente exercido pelas lendas sobre o espirito popular foi Hung Siu-ts'uan, chefe da revolta de Taiping. Mitos e lendas revestiram assim no espirito do povo um carácter de superstições. A revolta dos «boxers» e o movimento popular dos «lanças vermelhas» teem ainda este carácter.

Depois da sua separação da história, o mito e a lenda continuaram a desenvolver-se dum forma autónoma. Mas o conteúdo destas formas daqui em diante independentes manteve-se histórico e quasi sempre pragmático. O romance chinês mais divulgado, *Os três Impérios* (Sanekuo Yen-Yi) é uma colecção de lendas sobre os três impérios históricos que se foram transmitindo até à época Yuan. O romance mitológico mais conhecido, *A investidura dos deuses* (Feng-shen Yen-Yi), contém a narração de acontecimentos da época Chou; além disso, todos os deuses que lá aparecem são homens e recebem mesmo a sua investidura das mãos de homens. A maior

parte dos dramas populares, romances e libretes de óperas chineses foram buscar os seus assuntos aos mitos e às lendas.

Particularmente interessantes são as lendas populares em que se trata de espectros ou de demónios. Na maior parte das vezes são animais que, depois dum acção louvável, foram transformados em espectros. Graças às boas acções, os espectros podem por sua vez ser transformados em deuses. Uma vez transformados em demónios, os espectros podem praticar acções humanas e mesmo sobrehumanas, e além disso podem colaborar com os homens. Se as suas acções não são boas, os espectros podem voltar a ser animais. O romance *Si-yu-ki* (*Viagem no Oeste*), muito lido, fala da colaboração dos homens e dos espectros. O drama popular *A Serpente branca* (*Pai-sche*) é uma tragédia humana na qual um espectro desempenha o papel principal.

Nos mitos e lendas chineses, quer se trate de deuses, quer se trate de homens que se tornaram deuses, de espectros, de demónios ou de espiritos, tudo gira à volta do homem o qual desempenha o papel principal. Em *Feng-shen yen-yi*, por exemplo, os deuses tomam o partido umas vezes do revoltado *Wen-Wang*, outras vezes do celerado imperador *Chou-Wang*. Ou ainda: tendo um bravo jovem perdido subitamente a sua amada, os espiritos de raposas transformam-na imediatamente, afirmam de que os amantes pudessem unir-se. Todos os espiritos devem curvar-se

diante do homem que actua bem, que pratica acções louváveis. Eis um exemplo tirado dum lenda popular. Numa escura noite, um homem viu um espirito a fugir. Perseguiu-o até um lugar escondido onde o espirito, não podendo avançar mais, se acorou. Ele tem uma cabeça extremamente grande. O homem bate-lhe na cabeça dizendo: «Tu tens uma bela e grande cabeça!»; ao que o espirito respondeu: «Não é a minha cabeça que é grande, o que é grande é a tua sorte». Segundo a lenda popular, o volume da cabeça dum espirito está em relação com a sorte do homem que o encontra.

A China não possui poesia épica monumental, semelhante ao Mahābhārata, nem mitologia parecida com a dos Gregos e dos Romanos. A China não tem religião. Os mitos e lendas primitivos confundem-se com a sua história. Depois da sua separação da história, mitos e lendas sobrevivem no povo e desenvolvem-se dum maneira autónoma, mantendo sempre o seu conteúdo histórico. A China tem atrás de si uma muito longa história, mas se lhe falta uma educação geral, conhecimentos científicos, aptidões políticas, ela ignora em compensação a superstição organizada dum religião dominante. Em lugar desta, houve em cada época mitos, lendas e contos, exprimindo cada uma das formas à sua maneira o principal traço do carácter nacional chinês: o pragmatismo.

TCHANG-HUNG